

O sorriso como discurso: mobilizações teórico-analíticas na perspectiva do *Gesto-Sentido*

Le sourire comme discours: mobilisations théorico-analytiques, du point de vue du Geste-Sens

Diego Henrique Pereira¹

Resumo: Coberto pelo manto da Análise de Discurso Francesa de corrente Pecheutiana é que este trabalho se edifica no efeito de uma construção teórico-analítica que possui seu objetivo calcado na compreensão dos processos discursivos que cercam o sorriso, produzindo assim diferentes efeitos de sentido. Diferentes significações do sorriso são analisadas e discutidas pela perspectiva histórica, biológica, social e, especialmente, discursiva, o que nos leva a propor o conceito de *Gesto-Sentido*. Compreendemos que este se constitui a partir do enlace alvoroçado entre o corpo (neuropsicofisiológico e social) e as condições materiais de produção de discurso, tendo em vista, ainda, uma relação descontínua com as diferentes materialidades significantes do sorriso. Tomar o sorriso enquanto discurso, em sua produção de evidência e transparência bem como suas dissimetrias, furos, derivas, injunções, tornou-se o objetivo incessante deste trabalho, que nos possibilita ir ao encontro com o real da língua e da história. Este trabalho constitui-se por um efeito de (des)costura, a partir de inquietações e (des)estabilizações, busca compreender o *Gesto-Sentido* do sorriso, em suas possibilidades e não em suas “verdades”.

Palavras-chave: Sorriso; Gesto-Sentido; discurso.

Résumé: Couvert par le manteau de l'Analyse du Discours français du courant pecheutien, ce travail est construit sur l'effet d'une construction théorico-analytique qui a pour objectif basé sur la compréhension des processus discursifs qui entourent le sourire, produisant ainsi différents effets de sens. Différentes significations du sourire sont analysées et discutées dans une perspective historique, biologique, sociale et, surtout, discursive, ce qui nous amène à proposer le concept de Geste-Sens. Nous comprenons que cela se constitue à partir du lien animé entre le corps (neuropsychophysiologique et social) et les conditions matérielles de la production de la parole, en gardant également à l'esprit une relation discontinue avec les différentes matérialités significatives du sourire. Prendre le sourire comme discours, dans sa production de preuves et de transparence ainsi que dans sa dissymétrie, trous, dérives, injonctions, est devenu l'objectif incessant de ce travail, qui nous permet de rencontrer le réel du langage et de l'histoire. Cet ouvrage est constitué par un effet de (dé) couture, basé sur des préoccupations et des (dé) stabilisations, il cherche à comprendre le Sens du Geste du sourire, dans ses possibilités et non dans ses “vérités”.

Mots-clés: Sourire; Geste-Sens; discours.

¹ Docente da Faculdade Cnec Varginha. Doutor em Ciências da Linguagem, mestre em Ciências da Linguagem (Análise de Discurso), especialista em Gestão Estratégica do Capital Humano e Psicologia Organizacional, graduado em Gestão e pós-doutorando em Ciências da Linguagem. E-mail: diegopereiraconsultor@hotmail.com

Pensamentos iniciais

Inauguro este trabalho, considerando o *sorriso* enquanto discurso, jogo entre o verbal e o não verbal, gesto funcionando tanto pela expressão, quanto pela prática significativa, gesto que tomo como *gesto-sentido*. De acordo com Courtine e Haroche (2016), é possível pensar que os imperativos de silêncio se inscrevem em uma longa tradição naturalista, que incita na perspectiva estoica a moderação do uso do corpo, reclamando seu controle e contenção. Convém evitar uma expressividade ruidosa demais, dar preferência a uma suave gravidade, uma sabedoria amável, uma moderação bem temperada; afinal, o senhor de si, portanto, é conter-se, controlar-se.

A regra do silêncio, enquanto movimento dinâmico da expressão, produz-se em um efeito de clareza: não devemos nos fechar ao outro, o rosto calado só convém aos espíritos melancólicos e chorosos (COURTINE; HAROCHE, 2016). O ar aberto e amável que recomendam tanto as artes da conversação quanto os preceitos do silêncio é a marca impressa no rosto de cada um, pelos paradoxos de uma sociedade civil em que se reforça o controle social, ao mesmo tempo em que o indivíduo se autonomiza, porquanto essa sociedade é concebida como espaço de diálogo, de troca e de expressão. É preciso, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, saber calar-se e expressar-se. Uma arte, mas também uma virtude.

O silêncio é, então, uma condição necessária ao fulgor do rosto daqueles que, por sua simples e muda presença, impõe obediência e respeito. O silêncio é um privilégio do rei, a expressão última da lei. Os reis podem ser personagens mudos, mas não é por isso menos certo que, como leis vivas, o que eles ordenam tem, no entanto, lugar. Está aí toda a complexidade paradoxal dos laços entre a palavra e silêncio, tal como se exprimem no final do século XVIII. Tanto quanto a palavra em outras circunstâncias, o silêncio alivia, permite encontrar em si a calma e a medida.

Quando pela metade do século XVIII, Mirabeau introduz na língua francesa o termo civilização, ele se lança a uma crítica severa dessa “civilidade” do século XVII que a sociedade cortesã via como arte. Decididamente, a civilização não é, nessa segunda metade do século XVIII, a civilidade do século anterior.

Deslocando esse silêncio enquanto omissão da voz, para o silêncio pensado por Orlandi (2007, p. 13), no qual “O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação [...]”, irrompe as barreiras do não falar e adentra ao movimento da significação, da interpretação, ou seja, conseguimos significar porque existe silêncio, e não mais entendido somente como pausa da voz, mas “fôlego” que coloca em “ordem” a interpretação. Pensamos o silêncio como funcionamento necessário tanto do rosto, quanto do *sorriso*, afinal quando há produção de *sorrisos*, percebemos de forma contemporânea a produção de silêncio, e silenciamentos.

Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é fundante (ORLANDI, 2007, p. 14).

Diante dessas considerações, penso o *sorriso* a partir do silêncio, deslocamento que produz como *gesto-sentido*, ou seja, o gesto de sorrir – digo gesto como produção de sentidos, e não somente como uma expressão facial – mas como uma forma de dizer. Enquanto o silêncio produz sentidos de “respiro” para que as palavras produzam sentidos, o *sorriso* é pensado como significante do dizer, afinal, quando sorrimos, discursos e sentidos funcionam no e pela “pausa significativa” do silêncio, movimento da linguagem. Penso também que não há sujeito sem *sorriso*, do mesmo modo que não há sujeito sem silêncio, e ambos são objetos significantes da linguagem, afinal é necessário tanto o silêncio, quanto o dizer para significar.

Silêncio, *sorriso* e *Gesto-Sentido*

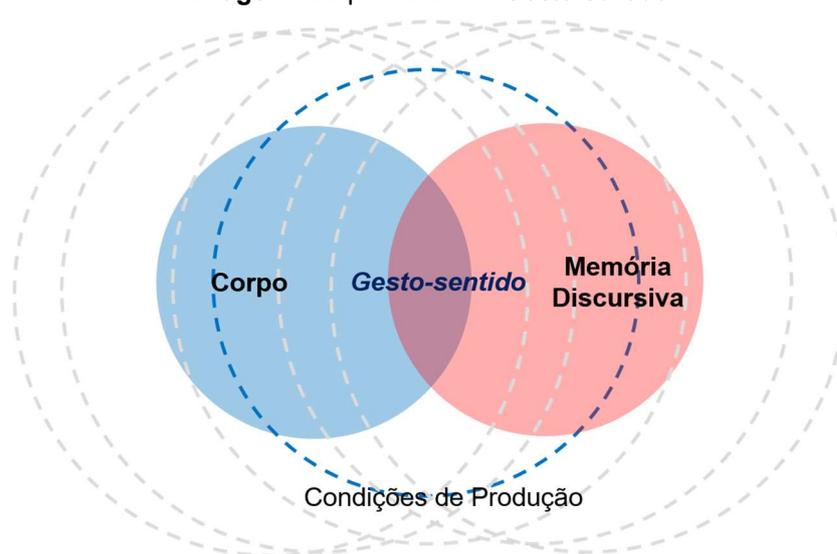
O *sorriso*, como um dos elementos da linguagem, não possui caráter específico em relação à mesma, em suma, o alvoroço que constitui a produção de sentidos tem o *sorriso* como via de significação. Todavia, não podemos amalgamar o *sorriso* a sentidos estáticos, por exemplo, ditar que determinado *sorriso* é de alegria, ou que outro seja de cinismo. No entanto, cabe-nos, como analistas de discurso, compreender os efeitos dessas estabilizações no funcionamento do social, produção de sentidos que sempre escapam. Assim, como o silêncio, o *sorriso* deriva para diferentes sítios de significação, e também não linear e opaco, o mesmo não pode ser

encaixado em significações x e y, mas em diferentes formações discursivas, movimento de interpretação.

Esse laço, assim compreendido, indica-nos que não estamos nas palavras para falar delas, ou de seus “conteúdos”, mas para falar com elas. Se assim podemos passar de palavras para as imagens (relação do verbal com a metáfora), fazemos ainda outra passagem mais radical, passando das palavras para o “jogo”. É nessa dimensão do significar, como jogo de palavras para palavras – desmontando a noção de linearidade e a que centra o sentido nos “conteúdos” -; que o silêncio faz sua entrada. O não-um (os muitos sentidos), o efeito de um (o sentido literal) e o (in)definir-se na relação das muitas formações discursivas têm no silêncio o seu ponto de sustentação (ORLANDI, 2007, p. 15).

Assim como o silêncio está para as palavras, o *sorriso* também está para as palavras, afinal o *sorriso* aparece “no lugar” das palavras, sobrepõe o verbal a partir do *gesto-sentido* de sorrir, e é justamente esse enlace – interação e deriva – que nomeio como *gesto-sentido*, movimentação entre a expressão física da boca, e as condições de produção do dizer (e o silêncio já funciona no dizer). Conquanto, podemos pensar o *sorriso* a partir deste artigo, além de meramente certo movimento dos músculos faciais, mas, sim, um *gesto-sentido*, ou melhor, o *sorriso* é produzido pelo tripé que o produz, o dissolve e o leva para outros lugares de significação.

Imagem: Esquema sobre *Gesto-sentido*



Fonte: Produzido pelo autor, 2019.

Em um efeito de didatização do pensamento, proponho o esquema acima a fim de explicar o funcionamento do *gesto-sentido* a partir do *sorriso*, cujo centro, o ponto de interseção, é ele mesmo.

Penso, então, o *gesto-sentido*, como ponto de interseção entre o corpo e o dizer enquanto memória discursiva (palavras e silêncio), envolvidos pelas condições de produção, ou seja, pela conjuntura, processos sócio-históricos que se movimentam pela memória do dizer.

Tomando biologicamente a significação do *sorriso*, ele é relacionado tanto aos sistemas neurológicos, quanto ao sistema muscular facial, chamado, então, de processos neuropsicofisiológicos.

As estruturas do sistema nervoso central especificamente relacionadas com a linguagem estão situadas no córtex cerebral e, mais concretamente, no córtex associativo. Na parte inferior do lóbulo frontal, residem as funções expressivas (área de Broca) e na zona temporal e parietotemporal (área de Wernicke) as funções de compreensão; do mesmo modo, da produção dos movimentos dos lábios, da língua e da face [...] se encarregam as formas motoras do córtex cerebral (HUETE; CENADOR, 1994, p. 13).

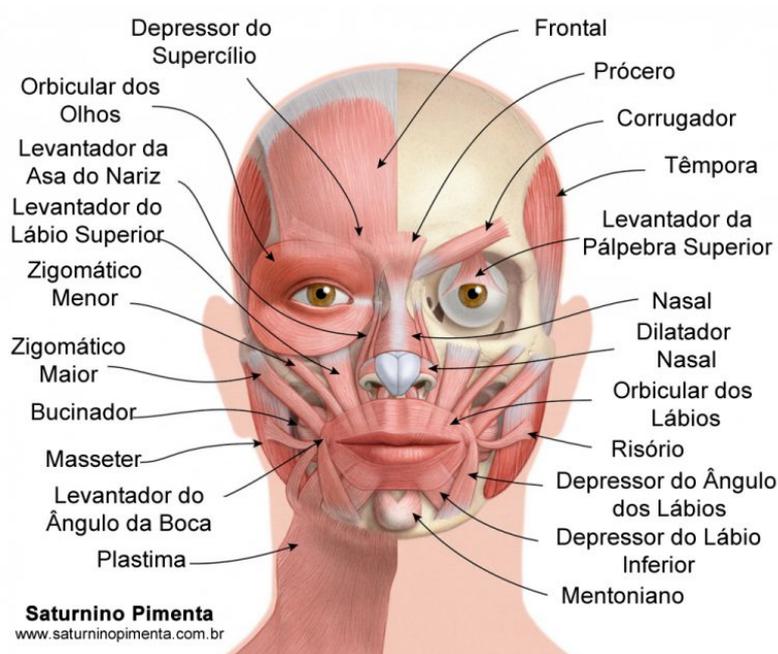
Os autores mencionados nessa citação explicam o funcionamento neurofisiológico do *sorriso*, as conexões neurológicas produzindo movimentos faciais, que, por sua vez, não podemos desvinculá-lo das dissimetrias psicológicas. Sobretudo, o *sorriso* é visto, inclusive, como expressão de uma emoção, reação afetiva sujeita a estímulos exteriores, produzindo também funcionamentos psicofisiológicos.

Nesse instante, ousou dizer que o *sorriso*, além de ser visto e estudado a partir de vias neurológicas, psicológicas e fisiológicas, é pensado também como discurso, sentidos se movimentando no trânsito da vida, jogo interacional entre o hoje, o ontem e o porvir – o dito, o já dito e o por dizer, o simbólico produzindo relações e (co)relações entre o verbal e não verbal, entre o real e o imaginário, o feito de linearidade e furo, a deriva.

É de suma necessidade dizer que, para nós, analistas de discurso, a expressão corporal/facial não é um conceito que faz parte do nosso dispositivo, porém, nos servimos dela para compreender o que é discursivizado sobre o que buscamos

compreender como *gesto-sentido*. Segundo o Instituto Brasileiro de Linguagem Corporal (2019), para produzir um *sorriso* grande e largo, utilizamos o Zigomático Maior e de outros músculos levantadores do lábio superior, como o Levantador do Ângulo da Boca e o Levantador do Lábio Superior, além de mover a área dos olhos, contração parcial da parte orbicular do músculo Orbicular dos Olhos.

Recorte 1: Músculos Faciais



Fonte: <https://ibralc.com.br/anatomia-de-um-sorriso/>. Acesso 08 de abril de 2019.

Os músculos faciais não se movem comandados apenas por uma via motora voluntária (programas motores conscientes – trato corticonuclear). Eles também se contraem, para adotar expressões, através de uma via motora involuntária (programas motores não-conscientes – tratos supra-espinais descendentes e seus núcleos) acrescentada de um componente cerebelar, que controla o sinergismo e a harmonia dos músculos. Assim, a expressão, além de voluntária, pode ser involuntária, natural e espontânea, de mímica facial. O termo expressão facial fica reservado para a comunicação volitiva, a especificação de algo para melhor fazê-lo entendido. Um sorriso, por exemplo, pode ser espontâneo, automático, quando se gosta de uma piada (via não-consciente), mas pode ser também um sorriso “social”

voluntário, programado (via consciente) (MADEIRA, RIZOLLO, 2016, p. 85).

É indispensável dizer que a significação do *sorriso* pela anatomia, pelos estudos orofaciais são efeitos de sentidos, uma vez que existem outras e diferentes formas de compreender o *sorriso*, trabalho teórico empreendido neste trabalho.

Tomando os efeitos de sentido produzidos pelas bibliografias apoiadas na anatomia facial humana, o controle das expressões faciais se dá pelas vias motoras nervosas, que propõe funcionamentos voluntários e involuntários para tais movimentos. Exemplificando tal afirmação, pensemos em um *sorriso forçado* em paralelo a um *sorriso espontâneo*, logo, anatomicamente, percebemos funcionamentos de vias musculares diferentes.

Para Mesquita (2011) o *sorriso*, em seu aspecto morfológico, é resultante de contrações, podendo ser elas voluntárias ou involuntárias. De maneira positivista, tomando como modelo explicativo a anatomia fisiológica, os músculos responsáveis pela expressão do *sorriso* mostram o funcionamento do *sorriso* enquanto expressão física. São eles: músculo orbicular dos olhos, músculo elevador comum do lábio superior e da asa do nariz, músculo zigomático maior e músculos risórios.

Percebo aqui um efeito sinonímico na associação do pequeno músculo que se contrai na expressão facial, produzindo, assim, o *sorriso*, com a nomenclatura de “músculo risório”, dessa forma, trazendo efeitos de evidências de que o riso está para o *sorriso*, assim como uma relação sinonímica, uma relação de paridade e dispersão, que analisaremos mais à frente.

Ainda assegurado pelas colocações de Mesquita (2011), o músculo orbicular do olho envolve toda a abertura da cavidade orbitária. Ele se inicia no ângulo interno do olho e termina na pele do ângulo externo. Possui duas partes principais: a porção palpebral e a porção orbital, sendo a primeira referente às pálpebras e, a segunda sendo mais periférica, ao redor da órbita.

A porção palpebral do orbicular dos olhos permite a abertura e oclusão das pálpebras durante o pestanejo, e encerra a fenda palpebral durante o sono. A porção orbital encerra a fenda palpebral quando este movimento se executa rapidamente. A contração do orbicular dos olhos provoca uma ligeira elevação da pele situada na parte inferior do olho (MESQUITA, 2011, p. 81).

O músculo elevador comum do lábio superior e da asa do nariz é pequeno e tem sua parte superior inserida “[...] no bordo interno da órbita, no processo frontal da maxila e dos ossos nasais, e na sua parte inferior se prende à pele da asa do nariz e do lábio superior” (MESQUITA, 2011, p.82). Tal músculo se responsabiliza, então, por movimentos da asa do nariz e do lábio superior. Desse modo, causa várias rugas no rosto, podendo ser tanto dos lados quanto perto da raiz do nariz.

O músculo zigomático maior seria longo e delgado; sua origem se dá na face externa do osso malar, inserindo-se na pele da comissura labial. Sua contração faz com que se produza um movimento ascendente da comissura labial.

Por sua vez, o músculo risório costuma ser assimétrico, contendo mais volume em um lado da face. Esse músculo se constitui por várias fibras triangulares e de tamanhos variados, podendo ser ausente em alguns indivíduos. A contração desse músculo produz um movimento lateral da comissura dos lábios.

Isto posto, é possível perceber que, nessa teoria, para a produção do *sorriso*, seria necessária a ação de vários músculos, ou seja, o *sorriso*, fisiologicamente pensado, constitui-se a partir da atuação de um conjunto de músculos, na qual alguns possuem uma maior atuação em relação aos outros no momento em que se dá determinada expressão.

Para Mesquita (2011), ainda ponderando o *sorriso* enquanto expressão neuropsicofisiológica, busca entender o desenvolvimento infantil, seja ele afetivo, cognitivo ou social, é necessário ter em mente a ideia de que os bebês possuem a capacidade de reconhecer e também produzir expressões faciais de emoção. Existem estudos a respeito do *sorriso* do bebê ainda no útero materno. Esses estudos mostram que, a partir da vigésima sexta semana de gestação, o bebê passa a sorrir.

Uma das primeiras expressões produzidas pelo bebê, nos primeiros meses de vida, se parece com o *sorriso*. Nessa fase, em que a linguagem verbal ainda não é utilizada, as expressões são formas de interação social que o bebê encontra. Inicialmente, a criança expressa seu envolvimento com o ambiente a partir do *sorriso*, considerado, nessa fase, espontâneo, não depende de estímulos diretos, de fatores externos para que ele apareça, acontecendo, principalmente, nos estados de sono.

De acordo com Mesquita (2011), classificam-se os primeiros *sorrisos* do bebê como primitivos ou endógenos. Com o passar das semanas, o *sorriso* do bebê vai se

modificando, tornando-se mais evidente. A partir dos quatro meses de vida, o *sorriso* do bebê passa a ser uma reação ao ambiente. A criança utiliza-se do *sorriso* para captar a atenção dos adultos. Desenvolve-se, então, o *sorriso* social, o qual é mais seletivo, ou seja, não é exibido diante de qualquer estímulo. Dessa forma, o bebê consegue diferenciar um estranho de um não-estranho.

Com o objetivo de encontrar eventuais alterações ontogenéticas na expressão do sorriso, foram comparadas três faixas etárias, 2-3 anos, 3-4 anos e 4-5 anos. Com a idade, ocorreu um aumento significativo da frequência do sorriso com exposição dos dentes superiores, não ocorrendo o mesmo com os outros dois padrões. A incidência deste tipo de sorriso também se tornou seletiva com a idade. Enquanto os meninos mais novos sorriam igualmente para meninos e para meninas, os mais velhos exibiam o sorriso com exposição dos dentes superiores quase exclusivamente a outros meninos (MESQUITA, 2011, p. 48).

É durante o primeiro ano de vida do bebê que ocorreria o desenvolvimento do *sorriso*, que se consolida até os dois anos de idade. A partir daí o *sorriso* passa a ser parte integrante do conjunto de expressões complexas da criança. Com a progressão da idade, o *sorriso* vai se modificando, passa a ser exibido, então, em ocasiões diversas, mais restritas, diferente do que acontece nos bebês, os quais inicialmente, bastam ver um rosto, para que demonstrem um aspecto de *sorriso* na face.

A “expressão” poderia ser considerada um elemento crucial no desenvolvimento do sujeito ocidental. Está aí a importância do rosto, que constitui o espaço onde se dá esse processo. O rosto seria, assim, ao mesmo tempo, o lugar mais íntimo e mais exterior do sujeito, aquele que traduz mais diretamente e da maneira mais complexa a interioridade psicológica e também aquele sobre o qual recaem as mais pesadas restrições públicas. São os rostos que se perscrutam, antes de tudo, os olhares que se procuram captar para decifrar o sujeito.

Isso explica o efeito da significação do sujeito moderno: esse processo que é, concomitantemente, indissolúvelmente, o de uma individualização e de uma socialização pela expressão, que incita à expressão da interioridade, à manifestação dos sentimentos, paralelamente ao tempo em que impõe ao rosto do silêncio, relativo ou profundo, da inexpressividade.

Haveria dois polos essenciais na expressividade individual. Por um lado, o de uma expressividade súbita, quando o rosto manifesta que um indivíduo está fora de si e, por outro, o da impassibilidade de um rosto impenetrável. Tais figuras revestem em diferentes épocas, o rosto do louco ou do sábio, do “possesso” ou do cortesão e, mais para o nosso tempo, o do histérico ou do burguês controlado e impávido.

A sociedade civil é, de fato, essa sociedade de silêncio e linguagem, de dissimulação e sinceridade, de recolhimento em si mesma e de compaixão: é assim que as formas na vida civil aproximam os indivíduos e os colocam à distância; é assim que os constroem, mas é também assim que os protegem.

Abro, então, aqui, mais uma inquietude que me coloca na posição de investigação no nosso estudo neste artigo: as aproximações e distanciamentos entre o *sorriso* e o riso – seria um voluntário e outro involuntário? – questionamento que analisaremos mais adiante.

No entanto, podemos perceber que o primeiro ‘elemento’ (corpo), pensado no esquema acima, é constituído por funcionamentos físicos, psicológicos, neurológicos e sociais do ser humano, movimento, ao mesmo tempo, confuso e processual dos músculos, sistema nervoso e memória; discurso sendo produzido pelo e no corpo, a partir de um gesto, que não mais só expressão física – para mim, analista de discurso – mas gesto-memória, gesto-intradiscurso, gesto-interdiscurso, *gesto-sentido*.

O recorte seguinte trata de um dito popular que funciona em torno do riso/*sorriso*. Podemos considerar que, em “Quem ri por último, ri melhor”, reverbera-se a mensagem bíblica escrita em Mateus capítulo 20, versículo 16: “Assim, pois, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos” (BÍBLIA ONLINE, 2019).

Recorte 2: Quem ri por último, ri melhor.



Fonte: Google Imagens, 2019.

Aproximo, então, a formulação “Quem ri por último, ri melhor”, à formulação “Assim, pois, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”, tendo a seguinte relação parafrástica:

“Quem ri por último”



“Assim, pois, os últimos serão os primeiros”

“Ri melhor”



“e os primeiros serão os últimos.”

O deslocamento dessas paráfrases se dá do riso entendido a partir de uma posição (último), ou seja, aquele que “ri por último” “será o primeiro”, logo “ri melhor” significa rir dos “primeiros que serão os últimos”. Tensão entre os termos “rir”, “por último” e “melhor”, no qual “rir” produz sentidos de insulto, deboche e zombaria. Vale pensar discursivamente na formulação “rir por último” nas condições de produção em que relações de poder se estabelecem na relação entre ser o último e o primeiro, na memória da segregação, na discriminação que retorna pela fissura que funciona entre o dito popular e a passagem bíblica. Sendo assim, o “melhor” adjetiva aquele que “ri”, invertendo-se, então, os papéis na posição da chegada, em que o segregado “ri”, debocha, vinga-se daquele que, antes, era o primeiro e, agora, é o último. No entanto, podemos perceber a relação entre “humilhados” > “exaltados”, e “rir por último” > “rir melhor”, afinal sentidos de inversão são produzidos, pois a posição inicial do humilhado desloca para a posição de exaltado, e a posição de quem ri por último, desloca para a posição de quem ri melhor.

Compreendo que “por último” e “melhor” adjetivam o “rir” – produzindo o sentido de formas distintas e hierarquizadas de riso – rir não é sempre a mesma coisa. No entanto, em ambos o rir está numa posição de equivalência com “se dar bem”, e de certa forma, funciona na competição entre essas formas de rir que sujeitos encarnam – assim como os risos concorrem, sendo que há um melhor, os sujeitos (“quem”) também concorre.

Diferentes posições sociais são tocadas, ao analisarmos a relação entre o dito popular e a passagem bíblica, é a temporalidade se dissolvendo na historicidade do dizer, texto bíblico escrito há quase 2.000 anos, fazendo sentido nas relações assimétricas atuais; poder fazendo papel de poder, submissão revestida de sarcasmo, deslocando da justiça (seria justo os papéis se inverterm?) para o riso, em que além do humor, o riso funciona discursivamente num efeito de poder.

Em um trabalho de utilização dos métodos da AD, chego a diferentes paráfrases:

“Quem ri por último, ri melhor.”

1. “Quem ri **primeiro**, ri **pior**.”
2. “Quem ri por último, **consegue o poder**.”
3. “Quem ri **primeiro**, **é detentor do poder**.”

O deslocamento do *último* para o *primeiro* condena o detentor do poder (o primeiro) a ter um desfecho negativo, uma vez que rirá “pior”. Logo, o *pior* ocupando o lugar do *melhor* na paráfrase faz funcionar o senso de justiça em relação aos segregados, a maioria que está à margem da sociedade, que espera o lugar do “riso” de justiça, ou, até mesmo, de vingança.

A inversão dos papéis sociais na segunda paráfrase propõe também sentidos de justiça, pois ao “reverter o jogo”, o que estava por *último* acaba *conseguindo o poder*, por isso, “ri melhor”. A partir desses movimentos discursivos, pego-me questionando sobre a frequência que os papéis se invertem, fazendo que o *último* “ria” *melhor*; referência que produz sentidos de conformismo, de descrédito na quebra paradigmática da hierarquia, na qual os *primeiros* sempre continuarão sendo *primeiros* e os *últimos* sendo sempre os *últimos*; funcionamento da política brasileira? Sendo o que resta aos últimos é “rirem para não chorar”? Afinal, “quem ri *primeiro*”, sempre acaba sendo o *detentor do poder*?

A partir da análise produzida anteriormente, conseguimos compreender a assimetria dos dizeres, na qual “rir” pode produzir tanto sentidos de justiça, quanto sentidos de sarcasmo, de reivindicação; não obtendo em si um significado estático, morto, pelo contrário, o dizer, para nós, analistas de discurso, funciona na abertura ao

simbólico, ou seja, além de mera transmissão de informações, troca de palavras, pensamos em um discurso ‘vivo’, não linear e cheio de derivas, sujeito e discurso se assemelhando no que tange ao movimento natural da vida – cada hora de um jeito – fervedouro de sentidos, atravessando as relações.

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso (ORLANDI, 2015, p. 19).

Trago a memória discursiva como elemento de constituição do *gesto-sentido*, retomando o conceito de interdiscurso, teia de dizeres que se relacionam, ideologia produzindo sentidos em uma relação não regular, caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica, interpelando, assim, o indivíduo em sujeito.

Não há como compreender discurso em nosso campo teórico – o da AD – sem pensar a linguagem, o sujeito e a História; produção do dizer que irrompe a paridade entre dizer e fala; discurso enquanto movimento de sentidos, efeitos imaginários de correlação, significante e significado unidos por uma espécie de amálgama, ilusão de correspondência entre objeto, pensamento e mundo. Em cima e alicerçado por uma teoria que propõe uma leitura de tipo novo – a Análise de Discurso Pecheutiana – que em seu quadro teórico, o discurso não pode ser visto como um funcionamento livre, sem interferências linguísticas, históricas e ideológicas, mas, pelo contrário, o discurso não só está exposto a esses intervenientes, bem como é produzido, inclusive por eles, de forma contemporânea; afinal como diz Orlandi (2015, p. 20) “a língua é assim condição de possibilidade do discurso”.

Pêcheux argumenta que “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da

memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador (PÊCHEUX, 2010, p.50). Assim, a memória discursiva configura-se como espaço de múltiplas possibilidades, que permite a inscrição de repetições de pré-construídos, mas que permite também o deslocamento, a reinvenção e a reconstrução quando se debruça sobre acontecimentos que se instituem de diferentes formas. Frente a cada acontecimento, a memória se ativa, acessando diferentes lugares e trazendo novas possibilidades ao discurso.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010, p.52)

O conceito de memória discursiva pode ser compreendido como uma “presença virtual na materialidade como uma instância que não se faz presente como um enunciado, mas é responsável por reestabelecer possíveis leituras implícitas e constitutivas do real sócio-histórico” (FRANÇA, 2016). Dessa forma, Pêcheux (2010) infere que:

O fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior (PÊCHEUX, 2010, p. 56).

A memória discursiva é constitutiva do discurso, pois, para que o discurso produza sentidos, é necessário que “se apoie em algo já posto, sustente-se em um já-lá (ORLANDI, 2001). Havendo a ancoragem e sustentação neste “já-lá”, compreendemos as determinações históricas que são inerentes ao discurso.

O interdiscurso é um “já dito” que possibilita que o discurso se sustente. Tal “já dito” produz efeito de que algo já falado anteriormente, algo que mesmo que não saibamos, se entrecruza em todo momento na formulação de nossos discursos. Indursky (1997) analisa que, pensando sobre o funcionamento de tal processo e as formações discursivas que lhe são correlatas, faz-se mister refletir sobre o conceito de “memória discursiva”, posto que tal configura-se fundamental no processo referido.

Não se trata, porém, de considerar essa memória como individual e subjetiva, nem como lastro identitário ou uma narrativa de tradições, mas como “memória social inscrita no seio das práticas discursivas” (INDURSKY, 1997, p. 43).

[...] a memória discursiva permite reconhecer um acontecimento discursivo, descontínuo e exterior, na continuidade interna. Tal efeito de memória reatualiza a heterogeneidade de um discurso que se quer determinado e, por conseguinte, homogêneo (INDURSKY, 1997, p. 45).

A memória discursiva permite que tais pré-construídos sejam operados nas formações discursivas dos sujeitos que, ao produzirem e enunciarem discursos, estabelecem relações com o que já foi dito em um outro momento, com o interdiscurso – com sua memória discursiva.

A Análise de Discurso considera que tais memórias também são afetadas pelo esquecimento, que acessa diferentes funcionamentos sociais e saberes. Tal memória também se deixa perceber e “afeta o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (INDURSKY, 1997).

França (2016) afirma que “a memória, então, é um espaço de retomadas de discursos anteriores, mas não deve ser reduzida a somente isso”. Essa é, ainda, “um componente balizador de um embate entre forças ideológicas que objetivam restabelecer os implícitos (os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos) e forças antagônicas que lutam para desestabilizar e desregular os já-ditos”.

Contudo, o *sorriso*, neste artigo, é considerado discurso, sentidos em movimento, memória discursiva reverberando o *gesto-sentido* de sorrir, entrelaçamento das expressões neuropsicofisiológicas e do dizer, que funciona pela memória discursiva, tudo isso movimentando-se pelas e nas condições de produção.

As condições de produção versam, portanto, sobre o entrelaçamento do discurso com a ideologia, permitindo ao analista, a partir de uma análise dessas condições, averiguar a estruturação do discurso. A forma como ele se estrutura é o que denota a constituição de seu sentido e a abrangência de seu efeito. Segundo Orlandi (2011, p.28), “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”.

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se

as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2011, p. 28).

Michel Pêcheux (1997) considera que “o processo de produção do discurso é definido como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”. Tais “circunstâncias” do discurso são suas condições de produção. O autor se estende, exemplificando que o discurso “sempre é pronunciado a partir de condições de produção já dadas”, como um político, um líder, porta-voz de grupos que representa interesse, ou grupo isolado se encontra inserido “na relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado”. Aquele que enuncia, então, ocupa lugares diferentes e suas declarações podem ter papéis também distintos, isso “depende da posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz” (PÊCHEUX, 1997, p. 74).

No entanto, falamos sobre o *gesto-sentido sorriso* a partir da sua formulação que tem como suporte material, que poderíamos dividir teoricamente entre o corpo neuropsicofisiológico, o social (expressões e práticas ideológicas), a memória (mesmo sem palavras, memória em alvoroço), relacionados às condições de produção.

Planeio aqui um exemplo, a fim de retratar o funcionamento das condições de produção do *sorriso*: imagine que você é convidado a entrar em um ambiente com luzes apagadas, uma escuridão sem fim; e, de repente, as luzes se acendem e você é surpreendido com um lindo bolo, velas e balões, enfim, é seu aniversário. O bater de palmas e a cantoria tradicional dos ‘parabéns a você’ se misturam com o seu *sorriso* – Alegria? Surpresa? Emoção? Susto? – Não há como petrificar esse *sorriso* como se fosse uma só coisa, mas conseguimos compreender as condições de produção: dia do seu aniversário, pessoas importantes presentes, luzes apagadas de repente acesas, palmas, cantoria, sua idade, enfim, contexto que circunda o *sorriso*.

Vale dizer que as condições de produção não estão ligadas somente aos aspectos físicos ambientais, mas ao jogo de imagens no qual o sujeito é partícipe, como ele se percebe em sua posição e como percebe o outro, além da consideração a respeito da situação concreta, historicamente determinada. Pêcheux (1997) ainda esclarece um ponto importante:

As condições de produção não são resistências que impedem o livre fluxo das palavras (o funcionamento da linguagem), ou seja, não há

uma semântica anterior ao discurso que seria castrada pelos filtros que as condições de produção impõem. (PÊCHEUX, 1988, p. 79)

Assim, a expressão “condições de produção do discurso” pode algumas vezes possibilitar ambiguidades. Entendemos que as determinações que fazem das condições de produção uma noção norteadora em Pêcheux (1993) estão em um lugar teórico outro, deslocado da definição empírica de “situação de enunciação” (COURTINE, 2003, p. 19-20). Pêcheux compreendia como fundamental explicitar o funcionamento dos processos discursivos na sociedade, por isso a centralidade da noção das condições de produção.

As condições de produção compreendem como já dito, o sujeito, a situação, atravessados pela contradição, pela posição que o sujeito ocupa, interpelado pela ideologia e na situação específica da produção daquele discurso. Pêcheux ainda se estende, quando analisa que as condições de produção se dão no discurso, caracterizam tal processo discursivo e consideram os discursos anteriores com os quais os objetos empíricos que o analista descreve se relacionam, “visto que elas não são só representações, projeções imaginárias de situações objetivas, mas consideram o estado anterior do processo discursivo, algo que já está lá, falando, em outro lugar” (QUEIROZ, 2003, p. 12).

Se observarmos, as condições de produção, essenciais e definitivas ao discurso, são relacionadas a procedimentos distintos, como de controle, organização e alinhamento do discurso, descritas por Foucault (2000), uma vez que, como afirma Pêcheux:

[...] existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentemos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar (PECHÉUX, 1988, p. 83).

As condições de produção, em contexto amplo, como já colocado, remetem a um conjunto de formulações já feitas e esquecidas e “arquivadas”, que trabalharão de

modo a determinar o que dizemos, pois é levado em conta um complexo sócio-histórico, ideológico. Para a Análise de Discurso, as condições de produção e a memória discursiva trabalharão de forma conjunta, pois a memória é o saber discursivo que torna possível todo dizer.

Efeito de fecho

Encerrando este artigo, ousou dizer que entendo o *sorriso* a partir do trabalho discursivo, não só como uma expressão (in)voluntária, mas como um *gesto-sentido*, ou seja, produção de sentidos que envolvem a expressão neuropsicofisiológica, o dizer/memória discursiva e as condições de produção, complexidade que expurga a linearidade dos significados postos como cola nos sorrisos. Em suma, enxergo infinitas possibilidades do sorrir, e nenhuma amalgamada no que o *sorriso* quer dizer, mas, sim, no que ele diz a partir de condições específicas de produção.

O imediatismo do *sorriso* produz ineditismo a cada *gesto-sentido* de sorrir, pois, ao mesmo tempo que acontece a expressão, acontece o dizer em imediatas condições de produção, produzindo, assim, o *sorriso* contemporâneo ao *gesto-sentido*, gesto que significa, gesto que diz sem palavras, gesto que produz sentidos em fração de segundos, gestos incompletos e repletos de memória.

Iniciando uma teoria do *sorriso* ao mesmo tempo que a mesma se enlaça em uma teoria do gesto, dizer que o *sorriso* é contemporâneo ao *gesto-sentido* é entender que não há uma divisão estanque entre o que é corpo neuropsicofisiológico/corpo social, memória e condições de produção; tudo funciona numa fascinante desordem que significa, produção de sentidos, produção de sujeitos, produção de discurso.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, Jean-Jaques; HAROCHE, Claudine. *História do rosto: exprimir e calar as emoções*. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- COURTINE, Jean. *Os deslizamentos do espetáculo político*. In: Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo. Org: Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Ed. Claraluz, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

- FRANÇA, Thyago Madeira. *Um olhar sobre o conceito de Memória discursiva em Pêcheux*. Interletras. V. 4, Edição número 22, ano 2016.
- HUETE, C. A.; CENADOR, A. G. *A linguagem na criança*. Porto: Porto Editora, 1994.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE LINGUAGEM CORPORAL. *Anatomia de um sorriso*. Disponível em: <<https://ibralc.com.br/anatomia-de-um-sorriso/>>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- MADEIRA, Miguel Carlos; RIZZOLO, Roelf J. Cruz. *Anatomia Facial - Com Fundamentos de Anatomia Sistêmica Geral*. 5 ed. São Paulo: Sarvier, 2016.
- MESQUITA, Marilisa da Silva. *O sorriso humano*. Dissertação (Mestrado em Anatomia Artística) - Faculdade de Belas Artes. Universidade de Lisboa. 2011.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4 ed. Campinas, SP. Pontes, 2011.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993 [1975].
- PÊCHEUX, Michel. *O papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- QUEIROZ, Erika Karina Ramos. (Re)lendo “AAD 69” hoje. Anais do 1º SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre, 2003.

Recebido em: 25/05/2020

Aceito em: 22/06/2020